TEXTO E PERSUASÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Sirlene Duarte[1]

Resumo:

Pretende-se evidenciar, neste trabalho, alguns efeitos persuasivos soto-postos em textos de auto-ajuda. Nesse sentido, a reflexão feita se pauta sobre algumas estratégias discursivas que (re) velam a persuasão.

Abstract:

It is intended, in this paper, to give evidence to some persuasive effects hidden from selfhelp texts. I this sense, the reflection that has been done is based in some discoursive strategies that, at the same time, hide and reveal persuasion.

A proposição, neste trabalho, a partir da escolha de dois pequenos textos, é tentar verificar alguns processos de ordem discursiva nos quais a persuasão se manifesta.

Entendemos por texto *o efeito do sentido construído no processo de interlocução* e por discurso *a unidade complexa de significação, consideradas as condições de sua produção (contexto histórico-social, situação, interlocutores).* (Orlandi, 1988)

Considerando as condições de produção dos textos a serem discutidos neste trabalho, podemos dizer que foram escritos sob forma de *manual*, visando atender às pessoas que procuram cursos de auto-ajuda. Apresentam-se sob forma de *conselhos*, os quais deverão ser seguidos para que se possa obter a auto-estima. A clientela, nesses cursos, é bem diversificada: executivos, donas de casa, profissionais de áreas diversas. Para divulgação, apresentam-se com estatutos bastante diferenciados: alguns são pagos, outros não, e várias são as técnicas utilizadas – dança do ventre, programação neurolingüística, esoterismo, dentre outras. Diversificadas também são as estratégias: de repertório de jogos até conversas com anjos da guarda. Embora sejam apresentados de forma diferenciada, percebemos que há um ponto comum entre eles: proporcionar uma *terapia alternativa* (substituindo o divã do analista?) para que as pessoas possam mudar a situação (qualquer que seja) em que se encontram. Ou seja, cada um dos participantes tem

[1] Professora do Curso de Letras do Campus de Catalão/UFG. Mestre em Lingüística pela UFG. E-mail: sirlene10@hotmail.com

a promessa de que a *sua vida nunca mais será a mesma depois do curso.* Selecionamos dois textos[2] para atender à nossa proposta.

"A sabedoria instantânea"

(1) "É preciso dar chance para as coisas acontecerem. Ficar com preguiça de ir a uma festa pode significar jamais conhecer o grande amor da vida".

(2) "É preciso evitar que vivamos mais a vida de nossos familiares do que a nossa própria. Para cuidar dos outros, precisamos ser fortes".

Pensemos, por um momento, na conjuntura político-econômica atual: a chamada *Era Pós-Moderna*, marcada, principalmente, pela ciência, Cibernética, Globalização. Nessa conjuntura neo-liberalista, tempo é fator preponderante: *o desenvolvimento não pode parar*, nos dita a ideologia dominante.

Desse modo, um mundo ideal está sendo (re) construído e é ele sustentado por fatores que se voltam para a praticidade – essa idealização obriga a pessoa a acompanhar o desenvolvimento e, para adequar-se a ele, é necessário recorrer a tudo aquilo que se diz pré-pronto. Assim, temos casas pré-fabricadas, comidas pré-cozidas etc. O desenvolvimento nos envolve e somos engolidos por ele: hoje, basta apenas apertar um botão e contacta-se com qualquer parte do mundo através da tela do computador. A realidade (condição) concreta nos é apresentada como facilitadora de todas as nossas relações e compactuamos com isso, convictos, não menos do que pressionados, de que saímos da era pré-histórica, entramos e continuamos na civilização. Somado a tudo isso, até o conhecimento é pré-pronto. Oferece-se um tipo de sabedoria de fácil aquisição – o que pode ser notado no título que precede aos textos *A sabedoria instantânea.*

Esse tipo de oferta tem estatuto de verdade inquestionável: ao adquiri-la, poderemos mudar o modo de nos relacionarmos com os outros e conosco bem como fazer parte dessa corrida desenvolvimentista. E por que não adquiri-la, se é instantânea?

Coloquemo-nos, noutro momento, diante de outros discursos: *A porta da Esperança, Como vencer na vida sem fazer esforço, Português ao alcance de todos* ou *Emagrecer sem passar fome.* Ora, parece-nos que há uma relação de sustentação mútua entre esses discursos, ou, dizendo de outro modo, parece haver sustentação através de metáforas mútuas.

Em nível de enunciado, vejamos a organização dos textos apresentados para análise neste trabalho.

No texto 1, é usada a 3a. pessoa do singular do presente do indicativo. O uso dessa pessoa tem a propriedade de indeterminar o sujeito bem como causar a impressão de impessoalidade no discurso. Nesse caso, as marcas do sujeito diluem-se na voz de um locutor

[2] (Textos publicados pela Revista Veja, editora abril, edição 1451, ano 29, no. 27, datada de 3 de julho de 1996, p. 95)

indeterminado: *qualquer um* ou *nenhum*. A indeterminação é reforçada pelo uso do infinitivo impessoal que, posposto ao verbo no tempo presente (*É...dar*), cria a ilusão de se ter um sujeito-locutor ausente assim como a de não haver transitoriedade na ação discursiva, ou seja, de haver um estado permanente da realidade apresentada. Essa indeterminação também aponta para a generalização: *todos* que, por sua vez, aponta para um ideal de verdade.

Embora apareça no início da organização frasal um paralelismo sintático entre os dois textos, no segundo predomina o uso da primeira pessoa do plural – o que implica dizer, em termos gramaticais, que a pessoa verbal está marcada: *nós*.

O uso dessa pessoa permite ao sujeito-locutor deixar pistas de sua presença sotopostas à voz da universalidade: não é um sujeito-locutor *qualquer um* ou *nenhum*, como no texto anterior, mas um sujeito-locutor-universal: *todos*.

Consoante a essa perspectiva, o locutor é apresentado, concomitantemente, incluindo e dispersando-se no discurso. Noutras palavras, o locutor, ao mesmo tempo que se apresenta como o *eu* do discurso (se inclui), também se oculta (dispersa) na voz do interlocutor.

Podemos, assim, tentar desvelar os protagonistas nos dois textos:

Texto 1

Locutor: 3a. pessoa do singular: ela (*força de vontade*)

Interlocutor: Ela (*a força de vontade*) juntamente com a 2a. pessoa do singular =

Tu – o alocutário (*você* leitor – qualquer pessoa que leia o texto – *qualquer um*).

Referente: Ela (*a ação do sujeito-leitor* – basta ter força de vontade e agir para que as coisas aconteçam e se modifiquem).

Texto 2

Locutor: 1a. pessoa do plural: Nós (*locutor universal*)

Interlocutor: Nós (o locutor universal inclui *todas as pessoas* – tanto as que lerem

quanto as que não lerem o texto). Ou seja, todas as pessoas que estejam fortalecidas, ou pretendam se fortalecer, para cuidar das outras.

Referente: Ela (*a auto-ajuda* através da fortificação do espírito – tem-se a imagem de que a pessoa preparada para ajudar aos outros é aquela que se auto ajuda primeiro).

Desvelados os protagonistas, já podemos perceber (1) o primeiro efeito persuasivo: nos dois casos, o sujeito-leitor se identifica nos/com os textos, e, como tal, vê-se imerso neles. Tanto o uso da terceira pessoa quanto o da primeira camuflam o verdadeiro locutor do discurso e o interlocutor não só aceita a mensagem como se vê como o próprio autor do texto; (2) um segundo efeito persuasivo – que além de solidificar os papéis dos protagonistas também estabelece

a inculcação da mensagem e faz esta ser tomada como inquestionável – é conseguido através da inversão de *ordem* em *apelo*. Não se utiliza o verbo no imperativo, mas suaviza e mascara-se a imperiosidade da ordem, apresentando-a como se fosse apenas um apelo: *ficar com preguiça...pode significar....; evitar viver..., cuidar dos outros...* têm aparência de explicação para *é preciso*. Na verdade tem-se uma ordem categórica: *não fique com preguiça!, vá a festa!; não viva a vida dos outros, mas a sua!; fortaleça-se!*.

É interessante notar que esse efeito – moderando a ordem categórica – foi conseguido a partir do raciocínio lógico-dedutivo sustentado por um silogismo.

Vejamos:

> Premissa maior: É preciso dar chance para as coisas acontecerem.
> Premissa menor: Ficar com preguiça de ir a uma festa
> Conclusão: pode significar jamais conhecer o grande amor da vida.

Desse modo, parece que temos na premissa maior o *apelo* (é preciso); na premissa menor o *conselho* (por isso não fique com preguiça) acompanhado de uma *ordem* (vá a festa!). A síntese está em *conhecerá o grande amor da vida.*

No segundo texto, o mesmo raciocínio pode ser encontrado: *É preciso evitar que vivamos mais a vida de nossos familiares do que a nossa própria* (tese inicial + apelo = conselho); *vivendo a nossa própria vida* (premissa menor dentro da premissa maior); logo, *estaremos mais fortalecidos para cuidar dos outros* (primeira conclusão = explicação) e, por isso, *fortaleça-se!* (conclusão final = ordem categórica).

Além do uso dos procedimentos que permitiram haver persuasão, como pudemos observar, chamamos a atenção para o voluntarismo – o discurso ganha propriedade de verdade inquestionável quando o *provável* passa a ser o *possível* na e pela ação da pessoa e esta, *por sua vez, transforma a* realidade independentemente da sua situação concreta (sócio-histórica).

Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao paralelismo que inicia os dois textos: *É preciso* – o próprio discurso professoral e dogmático como também o discurso do senso comum. Por isso, julgamos ser possível dizer que estamos diante de discursos que se inscrevem na filosofia do comportamento e não na do conhecimento: do discurso axiomático.

Dessa maneira, o modo pelo qual os textos nos são apresentados vem sob forma de conselhos – fato que propicia fácil memorização, portanto, também de fácil repetição que, por isso mesmo, podem ser usados em várias e diferentes situações cotidianas.

Nessas considerações, podemos dizer que, por um lado o jogo discursivo dessa rede persuasiva é estruturado pela ilusão de reversibilidade da realidade através da ação: *querer é poder*, logo, um

sujeito em si e por si mesmo: *eu quero, eu posso, eu faço e tudo se transforma* (eu/nós interlocutores que possam se identificar nos dois discursos). Por outro lado, toda a ação discursiva sustenta-se em outros discursos: *Se a montanha não vai a Maomé, Maomé vai até a montanha; quem sabe faz a hora, não espera acontecer; ajuda-te a ti mesmo para que possas ajudar aos seus semelhantes; é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado; Deus ajuda a quem cedo madruga.*

Considerando tudo o que foi dito até aqui, podemos dizer que o texto se apresenta como uma realidade tridimensional. Na primeira dimensão encontra-se a sua materialidade (linearidade = horizontalidade = o dito); na segunda, foco contínuo, o discurso (verticalidade = o implícito = o não dito); e na terceira, a síntese dessas duas dimensões dentro de uma formação discursiva. É, pois, do entrelaçamento dessas três dimensões, aspectos de uma mesma realidade, que o sentido se (re) (des) vela.

Referências Bibliográficas:

ORLANDI, E.P. GUIMARÃES, E.R.J. "Unidade e Dispersão: uma questão do texto e do sujeito". In: *Sujeito e Texto.* S.P.: EDUC, 1988. (Série Cadernos da PUC, 31)

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento – as formas do discurso.* S.P.: Brasiliense, 1993.

_____. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos.* S.P.: Editora da Unicamp, 1995.

_____. *Discurso e Leitura.* S. P.: Cortez/Campinas,SP.: Editora da Unicamp, 1996. (Coleção passando a limpo)